



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB**  
**PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO – PROEG**  
**COORDENAÇÃO INSTITUCIONAL DE PROGRAMAS ESPECIAIS - CIPE**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA A DISTÂNCIA**

**NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO COMO RECURSO PARA O ENSINO  
DA GEOGRAFIA: um estudo de caso na Escola Municipal de Ensino Fundamental Frei  
Albino**

**Erick Frederico Porto Batista Mané**

**JOÃO PESSOA**  
**2013**

**Erick Frederico Porto Batista Mané**

**NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO COMO RECURSO PARA O ENSINO  
DA GEOGRAFIA: um estudo de caso na Escola Municipal de Ensino Fundamental Frei  
Albino**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia na modalidade a Distância (Prolicenciatura) da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Geografia, em cumprimento às exigências legais.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> MS Regina Celly N da Silva

**JOÃO PESSOA  
2013**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

M266n Mané, Erick Frederico Porto Batista.

Novas tecnologias de informação como recurso para o ensino da geografia [manuscrito] : um estudo de caso na escola municipal de ensino fundamental Frei Albino / Erick Frederico Porto Batista Mané. – 2013.

45 f.: il.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia)  
– Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2013.

“Orientação: Prof.<sup>a</sup> MS. Regina Celly N. da Silva  
Guimarães, Departamento de Geografia”.

1. Ensino da Geografia. 2. Tecnologia de Informação. 3.  
Formação de Professores - Novas Tecnologias. I. Título.

21. ed. CDD 372.891

**Erick Frederico Porto Batista Mané**

**NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO COMO RECURSO PARA O ENSINO  
DA GEOGRAFIA: um estudo de caso na Escola Municipal de Ensino Fundamental Frei  
Albino**

Aprovado em: M de Abril de 2013.

COMISSÃO EXAMINADORA

Regina Celly Nogueira da Silva

**Prof<sup>a</sup> Ms Regina Celly Nogueira da Silva**  
Orientador(a)

Maria Suely de Andrade Mesquita

**Prof<sup>a</sup> Esp Maria Suely de Andrade Mesquita**  
Examinador (a)

Solange de Freitas França

**Prof<sup>a</sup> Esp Solange de Freitas França**  
Examinador (a)

**Aos Mestres,  
Dedico**

## AGRADECIMENTOS

A DEUS, Senhor do Universo,

Aos Mestres, que me conduziram no caminho do conhecimento,

À Minha Mãe, pela sua força,

À Minha Família, por todos os momentos,

A Todos que comigo compartilharam estes momentos.

**LISTA DE QUADROS**

**Quadro 01 - Habilidades docentes para o trabalho com as novas tecnologias..... 24**

## RESUMO

O presente estudo teve por objetivo geral compreender como as novas tecnologias de informação vêm sendo utilizadas pelos professores, na educação de jovens e adultos, o modo a que o alunado percebe a revolução tecnológica e as mudanças no mundo das comunicações. Por novas tecnologias entende-se os recursos tecnológicos utilizados pelo professor em sala para melhorar, enriquecer suas aulas, ou seja, potencializar e dinamizar a prática docente com a utilização de ambientes virtuais de aprendizagem coletiva e colaborativa, de maneira que o uso desse instrumental possa propiciar novos olhares e/ou despertar novos interesses por parte dos alunos no cotidiano da sala de aula. A metodologia utilizada foi a observação participante, cujos resultados levam a acreditar que a melhoria da qualidade na educação não está tão somente nas “novas tecnologias” e sim na mudança da prática pedagógica do professor, na mudança de seu perfil em face de um cenário de profundas transformações que culminaram na criação de um mundo sem fronteiras, o da virtualidade, ora vivenciado e para o qual a humanidade se encaminha cada vez mais. Constatou-se ainda, que a integração entre tecnologia da informação, através do uso das mídias na educação é ferramenta crucial para a construção do conhecimento no atual cotidiano escolar, ou seja, a escola, em quaisquer de suas instâncias, não pode ignorar as tecnologias como ferramenta para a função didática. A pesquisa objetiva ainda mostrar como as novas tecnologias de informação estão sendo inseridas no contexto educacional do ensino para jovens e adultos, no universo da Escola Municipal do Ensino Fundamental Frei Albino, localizada em João Pessoa, estado da Paraíba, no período de junho de 2010 a junho de 2011.

Palavras-chave: Tecnologia de informação. Prática pedagógica. Ensino fundamental. Aluno. Escola Municipal Frei Albino.



## ABSTRACT

The present study had as general objective, to show how the new information technologies are being incorporated in the educational context of education for young people and adults, in the universe of the Municipal School of elementary Frei Albino, located in João Pessoa, State of Paraíba, in the period of June 2010 to June 2011. This study is important to show and understand, among other objectives, as the new information technologies are being used by teachers in adult and youth education, so that the students realize that the technological revolution and changes in the world of communications are demanding different behaviors against knowledge. By new technologies means the technological resources used by the teacher in the room to improve, enrich their classes, that is, to enhance and streamline the teaching practice with the use of virtual learning environments, collaborative, so that the use of this instrument can provide new perspectives and/or awakening new interest on the part of the students in the classroom everyday. The methodology used was the participant observation which lead to believe that the improvement of the quality in education is not just in the "new technologies" and Yes in the change of the teacher's pedagogical practice on changing your profile in the face of a scene of profound transformations that culminated in the creation of a world without borders, of virtuality, well experienced and for which humanity if forwards. It was noted that the integration between information technology, through the use of media in education is a crucial tool for the construction of knowledge in today's daily life at school, i.e. school, in any of its instances, may not ignore the technologies as a tool for teaching function.

Keywords: Tecnology of information. Pedagogical practice. Learning. Student. School Frei Albino.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>14</b>
2.1	AS NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO.....	14
2.2	O ENSINO DE JOVENS E ADULTOS.....	18
2.3	A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES E O USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS.	21
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>26</b>
<b>4</b>	<b>ABORDAGEM PRÁTICA.....</b>	<b>28</b>
4.1	O ENSINO DE GEOGRAFIA E A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL FREI ALBINO.....	28
4.2	CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA.....	29
4.3	SESSÕES DE OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE.....	30
4.4	CORPO DISCENTE.....	31
4.5	CORPO DOCENTE.....	32
4.6	GESTÃO E EQUIPE TÉCNICA.....	35
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>36</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>39</b>
	<b>ANEXO.....</b>	<b>42</b>
	<b>ANEXO A - ENTREVISTA ESTRUTURADA.....</b>	<b>43</b>

## INTRODUÇÃO

O estudo em questão tem como objetivo geral, mostrar como as novas tecnologias de informação estão sendo inseridas no contexto educacional do ensino para jovens e adultos, no universo da Escola Municipal do Ensino Fundamental Frei Albino, localizada em João Pessoa, estado da Paraíba, no período de junho de 2010 a junho de 2011, bem como, os seguintes objetivos específicos: coletar informações sobre o uso de novas tecnologias de informação no ensino de Geografia para jovens e adultos; identificar as ferramentas tecnológicas utilizadas no âmbito da Escola Frei Albino e sua eficácia no ensino de Geografia para jovens e adultos; descrever a utilização de novas tecnologias de informação no ensino de Geografia para jovens e adultos e sua aplicabilidade na Escola Frei Albino; verificar as metodologias de ensino de Geografia utilizadas em sala de aula pelos professores; descrever a Escola Municipal Frei Albino, localizada em João Pessoa/PB.

A sociedade vivencia uma época de muitas incertezas, causadas por mudanças rápidas, decorrentes de todo um processo de evolução natural e cultural, pelo qual o mundo vem passando desde a segunda metade do século XX e com mais celeridade na primeira década do terceiro milênio. Tais transformações foram alicerçadas pelas mudanças científicas e tecnológicas, sob as nuances pela globalização econômica e com reflexos expressivos no âmbito da educação escolar. Esse processo vem mobilizando uma gama de profissionais, principalmente professores e gestores escolares, que buscam adquirir mais conhecimentos sobre as ferramentas tecnológicas, a fim de inserir o aluno do ensino fundamental e médio no atual universo tecnológico.

Nesse contexto, percebe-se que:

As características fundamentais da sociedade contemporânea que mais têm impacto sobre a educação são, pois, maior complexidade, mais tecnologia, compreensão das relações de espaço e tempo, trabalho mais responsabilizado, mais precário, com maior mobilidade exigindo um trabalho multicompetente, multiqualificado, capaz de gerir situações de grupo, de se adaptar a situações novas, sempre prontas a aprender. Em suma um trabalhador mais informado e mais autônomo. (BELLONI, 1999, p.39).

Apesar do imenso progresso tecnológico e do crescimento da cultura digital na última década, grande parte do conhecimento humano permanece atrelada a métodos obsoletos, quando se trata do processo ensino-aprendizagem, e na sociedade contemporânea o profissional necessita ser cada vez mais qualificado.

Vê-se no campo do referido processo, uma mudança radical no que concerne à abertura de conhecimento se comparada a época atual, àquela em que a cultura estava confinada a uma elite privilegiada, nobreza e clero. No entanto, apesar de todo o avanço cultural e tecnológico, a escola, em geral, ainda continua estática em sua formação, adotando métodos arcaicos para uma sala de aula que mudou irreversivelmente e de maneira incontestável seus objetivos.

De modo a propiciar uma maior compreensão acerca da geografia como âmbito do conhecimento, para o pleno exercício da cidadania, o estudo explorou aspectos práticos da Escola Municipal Frei Albino, em João Pessoa, estado da Paraíba, como base à reflexão sobre a inserção das novas tecnologias de informação em sala de aula do ensino para jovens e adultos, como instrumento de avanços da sociedade na qual a escola está inserida e, sobretudo, e assim, propiciar a compreensão de como o alunado vem assimilando tais ferramentas tecnológicas, de modo a alcançar sua adequação em um mundo globalizado.

A realização deste estudo se faz importante para mostrar e compreender, entre outros objetivos, como as novas tecnologias de informação vêm sendo utilizadas pelos professores, na educação de jovens e adultos, de modo a que o alunado perceba que a revolução tecnológica e as mudanças no mundo das comunicações estão exigindo comportamentos diferentes frente ao conhecimento. A incerteza quanto ao campo de trabalho e à crescente complexidade do contexto escolar sugere que o perfil de professor repassador de informações está se esgotando, o que deve levar o aluno a se interessar, pois, pelas experiências que lhe acenam novas possibilidades de enfrentamento da realidade.

A chegada das Tecnologias Educacionais (TICs) no ambiente escolar provoca uma mudança de paradigmas. A informática educativa oferece uma vastidão de recursos que, se bem aproveitados, dão suporte ao professor para o desenvolvimento de diversas atividades com os alunos. Todavia, a escola contemporânea continua muito arraigada ao padrão jesuítico, no qual o professor fala, o aluno escuta, o professor manda, o aluno obedece. A chegada da era digital coloca a figura do professor como um “mediador” de processos que são, estes sim, capitaneados pelo próprio sujeito aprendiz. Porém, para que isso ocorra de fato, é preciso que o professor não tenha “medo” da possibilidade de autonomia do aluno, pois muitos acreditam que com o computador em sala de aula, o professor pede o seu lugar. (ROCHA, 2008).

Há de se convir que não se cogita a extinção da escola, tampouco do professor. Entretanto, em um ambiente de complexas e turbulentas transformações – a partir da revolução tecnológica vivenciada no século XX e nesta primeira década do século XXI (já

mencionada aqui), o processo de ensino-aprendizagem vem se delineando diferencialmente, como pode ser percebido pelo acesso que as pessoas têm hoje aos meios de informações computacionais, caracterizando um novo cenário educacional.

Como sugere Rocha (2008), as máquinas nunca substituirão o professor, desde que ele re-signifique seu papel e sua identidade a partir da utilização das novas abordagens pedagógicas que as tecnologias facilitam. A adoção das TICs em sala de aula traz para os educandos, muitos caminhos a percorrer e para isso é preciso a presença do professor, pois é ele quem vai dinamizar todo este novo processo de ensino-aprendizagem por intermédio dessa ferramenta, explorando-a ao máximo com criatividade, conseguindo o intuito maior da informática educativa: mudança, dinamização, envolvimento, por parte do aluno na aprendizagem

Nesse sentido, Demo (2009) trata de desmitificar, por exemplo, a previsão, feita em 2003, de que de 50% da formação no trabalho se daria on line, com a aplicação das tecnologias educacionais o que não é comprovado. O autor também não confirma a promessa (ou ameaça) de, na escola, as tecnologias acabarem com a aula e substituírem o professor. Por outro lado, incontestável é o envolvimento crescente dos processos de aprendizagem com novas tecnologias, o que deve levar as instituições escolares e, especialmente, a pedagogia a fazer uma nova leitura da dinâmica educacional.

Demo ainda ratifica o cuidado que instituições, professores e alunos têm por dever:

Há que se evitar o espalhafato, comportamento de quem acha que as novas tecnologias reinventam a roda ou acabam com o passado. Há que se evitar, igualmente, a desilusão, por não se acreditar em cenários adequados para boas aplicações das tecnologias educacionais. (DEMO, 2009, p.19).

De modo didático, Demo (2009) enfatiza a recomendação de construção de alguma fluência tecnológica e o uso criativo e responsável da rede de informação Internet, sempre com base em autores de estudos relevantes e especializados em cada objeto. O autor destaca o site Wikipédia para bem exemplificar o seu uso em sala de aula. É absolutamente possível, segundo ele, a qualquer situação escolar: desenvolver projetos de pesquisa, utilizando-a para documentação em andamento; publicar recursos do curso, o que professores postam e o que os alunos comentam; criar e editar um documento, elaborado por todos os alunos, que tenha a visão de cada um, mas que represente, ao final, o consenso.

Embora as outras ferramentas não sejam abordadas com tantas ideias de uso, Demo (2009) busca apresentar aquilo que a literatura e a prática têm revelado como principais características e possibilidades.

Pelo exposto, o tema aqui tratado é pertinente e justifica-se por mostrar a potencialidade de desenvolvimento da aprendizagem de excelência, ressaltando-se, que o uso das novas tecnologias de informação é real. Contudo, tal uso não garante a aquisição do conhecimento em sua totalidade.

Assim, o uso apropriado dos recursos, ora citados, doravante apresenta-se como um desafio que diz respeito às instituições educacionais, aos professores, e, com primazia, aos alunos, dos quais são requeridas habilidades para atender a um mercado de trabalho, também norteados por tecnologias digitais. O que antes nunca havia sido solicitado, hoje é praticamente imposto por oportunidades inovadoras aos alunos em sintonia com as aceleradas mudanças que são desencadeadas neste mundo cada vez mais plural.

O estudo aqui voltado para a aplicação de novas tecnologias informacionais no ensino de Geografia para jovens e adultos também apresenta um caráter de relevância social por ser a escola uma das instituições mais importantes do município de João Pessoa, o que condiz aos objetivos aqui propostos, e, sobretudo, demonstra como o uso das novas tecnologias contribui para a formação da cidadania do aluno.

Vale ressaltar, também, que segundo Chaves (2004) por novas tecnologias pode-se entender os recursos tecnológicos utilizados pelo professor em sala para melhorar, enriquecer suas aulas, ou seja, potencializar e dinamizar a prática docente com a utilização de ambientes virtuais de aprendizagem coletiva e colaborativa, de maneira que o uso desse instrumental possa propiciar novos olhares e/ou despertar novos interesses por parte dos alunos no cotidiano da sala de aula.

Nesse sentido, o que este estudo propõe é de grande relevância por trazer à pauta educacional o uso das tecnologias de informação através da internet como uma metodologia de ensino inovadora, mas, que ainda, requer pesquisas e estudos denotando seus resultados com diferenciais qualitativos no que concerne à educação, e especificamente no ensino da Geografia, objeto deste trabalho, por meio do uso de variadas linguagens, tais como: a cartografia digital, o sensoriamento remoto.

Assim, o objetivo maior aqui é, mostrar como as novas tecnologias de informação estão sendo inseridas no contexto educacional do ensino para jovens e adultos, no universo da Escola Municipal do Ensino Fundamental Frei Albino, localizada em João Pessoa, estado da Paraíba, no período de junho de 2010 a junho de 2011, e em essência, refletir e

compreender como as novas tecnologias se encontram presentes em todos os momentos do cotidiano escolar, tanto dos discentes quanto dos docentes.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 AS NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO

A sociedade atual adquiriu novas maneiras de viver, de trabalhar, de se organizar, de representar a realidade e de fazer educação. Mudanças estão se acelerando em função do uso das novas tecnologias e, como as demais áreas de conhecimento, a educação também tem experimentado mudanças em sua forma de organização e produção. A inserção de novas tecnologias nas escolas está fazendo surgir novas formas de ensino e aprendizagem; há um novo aprender, um conhecer a comunicação e/ou o ensino, um novo processo de integração entre o humano e o tecnológico.

As profundas modificações que têm ocorrido no mundo do trabalho trazem novos desafios para a educação. O capitalismo vive um novo padrão de acumulação decorrente da globalização da economia e da reestruturação produtiva, que passa a determinar também um novo projeto educativo para os trabalhadores, independentemente da área, das atribuições ou do nível hierárquico em que atuem. (KUENZER, 1998).

Como resposta às novas exigências de competitividade que marcam o mercado globalizado – com foco na qualidade com menor custo, a base técnica da produção fordista, que dominou o ciclo de crescimento das economias capitalistas no pós 2ª guerra até o final dos anos sessenta, vai aos poucos sendo substituída por um processo de trabalho resultante de um novo paradigma tecnológico apoiado essencialmente na microeletrônica, cuja característica principal é a flexibilidade. Esse movimento, embora não seja novo, uma vez que se constitui na intensificação do processo histórico de internacionalização da economia, reveste-se de novas características, posto que assentado nas transformações tecnológicas, na descoberta de novos materiais e nas novas formas de organização e gestão do trabalho. (KUENZER, 1998).

Novas relações entre trabalho, ciência e cultura foram estabelecidas, a partir das quais se constitui historicamente um novo princípio educativo, ou seja, um novo projeto pedagógico por meio do qual a sociedade pretende formar os intelectuais/trabalhadores, os cidadãos/produtores para atender às novas demandas trazidas pela globalização da economia e pela reestruturação produtiva. O velho princípio educativo, decorrente da base técnica da produção taylorista/fordista vai sendo substituído por um outro projeto pedagógico determinado pelas mudanças ocorridas no trabalho. (KUENZER, 1998).



De modo a estabelecer uma relação na prática com os alunos, conhecê-los melhor, descobrir seus interesses, sua formação e suas perspectivas futuras, Moran (2003, , em suas considerações, diz que o sucesso pedagógico do professor está na preocupação para com os alunos, na forma de se relacionar com eles, com uma visão pedagógica inovadora, que pressupõe a participação discente, encontre-se este na fase infantil, na adolescência ou mesmo na fase adulta.

Moran (2003) também procura mostrar que o ato de ensinar é um processo dinâmico que deve adaptar-se ao contexto no qual está inserido, em face às transformações globais, tecnológicas e conseqüentemente comportamentais. Para tanto, faz-se necessário que professores reaprendam a ensinar, utilizando-se agora de ferramentas tecnológicas e transformem suas práticas diárias, retornando ao ato de aprender, ensinar e transformar.

De modo enfático, Moran (2003, p.44-46) diz que a Internet auxilia, todavia, sozinha, não consegue ensinar, diante da complexidade do aprender hoje, da troca, do estudo em grupo, da leitura, do estudo em campo com experiências reais. Para esse autor, a tecnologia é tão somente um "grande apoio", uma âncora, indispensável à embarcação, mas não é ela que a faz flutuar ou evita o naufrágio. No seu entender, a Internet possibilita novas saídas e suscita questionamentos, como por exemplo, acerca de saber qual é a melhor de maneira gerenciar a grande quantidade de informação com qualidade.

Para Cunha (2011), a questão fundamental que prevalece é a interação humana, de forma colaborativa, entre alunos e professores. No entender dessa autora, continua a caber ao professor dois papéis: ajudar na aprendizagem de conteúdos e ser um elo para uma compreensão maior da vida. Moran (2003) aponta que a novidade é que hoje se tem a possibilidade de os alunos participarem de ambientes virtuais de aprendizagem. O grande desafio é motivá-los a continuar aprendendo quando não estão em sala de aula.

Demo (2009) menciona a relação *sui generis* que as pessoas têm com a tecnologia, a qual é considerada fator decisivo de mudança por ser simultaneamente resultado e promotora de transformação. Esse autor ainda ressalta, nessa questão, a habilidade humana de adquirir autonomia e de se autocriar. Diante desse processo de evolução, conclama as instituições educacionais e a pedagogia para se reverem e se reencontrarem no universo das inovações tecnológicas trazidas pelas novas eras. Sobre o contexto da aprendizagem na era digital, Demo (2009) faz um paralelo entre a euforia e os vazios, apontando exageros, ingenuidades e equívocos com concepções e métodos, reconhecendo êxitos nos caminhos do e-learning, mas também enumerando as frustrações e os desacertos em detrimento de um contexto de gestão neoliberal, desalinhado no que tange à gestão de informações e conhecimento. O mesmo autor

constata um hiato, ainda vigente, entre a pedagogia e as novas tecnologias, evidenciando uma distância de gerações. O autor torna claro que o aprender bem deve estar associado à responsabilidade social e pedagógica e ao compromisso humanista, reiterando que as tecnologias vieram para ficar e somar, não havendo condições de ignorá-las. Além disso, salienta que o próprio ser humano é um advento tecnológico da natureza, "uma prótese inventada no processo evolucionário". (DEMO, 2009, p. 14).

Moran (2003) diz que a quantidade e a qualidade das informações que a Internet disponibiliza aos alunos obrigam os professores a se atualizar constantemente e a se preparar para lidar com as múltiplas interpretações da realidade.

Como qualquer outra ferramenta, o computador e a Internet exigem cuidados e objetividade quanto ao uso, visto que, sem um plano pré-estabelecido, a tecnologia da informação em nada colaborará para que a prática se enriqueça e o aluno venha a obter benefício na construção do conhecimento. Sendo assim, não se deve considerar essa ferramenta apenas como uma forma de se passar o tempo da aula, sem concorrer para a pesquisa e para um pensar mais elaborado. A utilização das novas tecnologias deve voltar-se para uma nova forma de ensinar que leva os alunos a utilizarem-se dos computadores para aprender, de uma maneira ativa e crítica, preparando-os para se tornarem cidadãos livres e autônomos, sujeitos de seu processo educacional. (MORAN, 2003).

Para Moran (2003), é necessário aprender a usar a Internet, para que ela não se transforme em mais uma forma de colagem de textos. A distância hoje não é principalmente a geográfica, mas a econômica (ricos e pobres), a cultural (acesso efetivo à educação), a ideológica (diferentes formas de pensar e sentir) e a tecnológica (acesso e domínio ou não das tecnologias de comunicação). Uma das expressões claras de democratização digital se manifesta na possibilidade de acesso à Internet e no domínio do instrumental teórico para explorar todas as suas potencialidades. (MORAN, 2003, p. 53).

Ainda, segundo Moran:

A webquest propicia a socialização da informação: por estar disponível na Internet, pode ser utilizada, compartilhada e até reelaborada por alunos e professores de diferentes partes do mundo. O problema da pesquisa não está na Internet, mas na maior importância que a escola dá ao conteúdo programático do que à pesquisa como eixo fundamental da aprendizagem. (MORAN, 2003, p. 68).

Demo (2009) evidencia o caráter de coprodução dos novos ou revitalizados ambientes da Internet, ratificando-a não como um processo perfeito, mas como um processo permeado

de interatividade, com mais oportunidades de participação e acesso, e aproximando-se mais, dessa forma, de processos mais eficazes de ensino e de aprendizagem, conforme a ideia de Foucault (2004), a qual trata a originalidade do pensamento e o papel da subjetividade, considerada expressão própria do indivíduo.

A necessidade de docentes e discentes se interrelacionarem nas teias da reconstrução e da reinterpretação na autonomia do discurso é vista por Demo (2009) como um processo contínuo na gestão do conhecimento. De fato, no campo do conhecimento, a interpretação inter e multicultural é a regra. No campo das autorias virtuais, o autor exemplifica como um ambiente de autoria coletiva – o Wikipédia, que se encontra aberto à discussão, fundamenta-se na autoridade do argumento compartilhado, no qual quaisquer pessoas são distribuidoras de ideias sem apropriação individualista, e deixa claro que nenhum texto pode ser tomado como final ou como autoridade definitiva. Todos ficam em andamento, abertos a incessantes evoluções. (DEMO, 2009).

Demo (2009), ainda afirma, que não há autoridade absoluta no ambiente virtual, o que evidentemente favorece o processo de autorias coletivas, explicitando que o talento individual não deve ser reprimido em prol do coletivo. Nesse sentido, reitera-se que a coletividade complementa e corrobora a construção melhorada da cidadania. O autor alerta também para o caráter ambíguo do mundo virtual, enfatizando a necessidade do bom senso crítico sobre a dualidade de conteúdos da Internet.

Com muita propriedade, o autor afirma aos leitores, dirigindo-se em especial aos leitores-professores, que, nesses novos ambientes de aprendizagem, é bem mais prudente apresentar-se como parceiro mais experimentado do que como dono prepotente e disciplinar do saber. Os novos ambientes da tecnologia de informação vão, segundo Demo (2009), muito além do construtivismo, não podendo ser considerada uma única teoria justamente por sua natureza pluriparticipativa e interacional. Diante desse pensamento, afirma que o construtivismo não está superado. No entanto, precisa ser desconstruído e reconstruído, como toda teoria importante. (DEMO, 2009, p. 34).

No que se refere à própria aprendizagem, Demo (2009) enaltece o desafio de construir ambientes de aprendizagem centrados na qualidade da aprendizagem, evitando-se dar mais importância a procedimentos e categorias do que aos resultados. Além disso, o autor registra que esses ambientes devem facultar autoria e autonomia em contextos de interação irrestrita, enumerando algumas dinâmicas sugestivas no design da aprendizagem, alertando que não se incida em simples cartilhas. Assim, tais dinâmicas devem ser focadas, sobretudo, na interatividade e no compartilhamento progressivo da aprendizagem.

## 2.2 O ENSINO DE JOVENS E ADULTOS

De acordo com a Resolução CNE/CEB Nº 1 de 5 de julho de 2000, estabelecida pela Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é a modalidade de ensino nas etapas dos ensinos fundamental e médio da rede escolar pública brasileira, também adotada por algumas redes de ensino de caráter particular que recebem aqueles jovens e adultos, os quais não completaram, na idade apropriada, os anos da educação básica por qualquer motivo.

No início dos anos 1990, o segmento da EJA passou a incluir também as classes de alfabetização inicial, consolidando-se sob a influência das ideias do educador Paulo Freire e em forte relação com o movimento de educação popular (DUARTE, 2001).

No Brasil, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) começou com os Jesuítas na época do Brasil colônia por meio da catequização das nações indígenas. A educação dada pelos jesuítas tinha preocupação com os ofícios necessários ao funcionamento da economia colonial, constando de trabalhos manuais, ensino agrícola e, muito raramente, leitura e escrita. (DUARTE, 2001).

No Período Imperial (1822 a 1889), a partir do decreto Nº. 7.031 de 6 de setembro de 1878, foram criados cursos noturnos para adultos analfabetos nas escolas públicas de educação elementar, para o sexo masculino, no município da corte, mas somente a partir da década de 1940, que a EJA começou a se delinear e a se constituir como política educacional. (DUARTE, 2001).

Ainda, segundo Duarte (2003), a Constituição Federal de 1988, em seu art. 208, garante ensino público fundamental obrigatório, inclusive “para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria”, ou seja, a chamada Educação de Jovens e Adultos (EJA):

Art. 208- O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: I - ensino fundamental, obrigatório e gratuito, assegurada, inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria; (...) § 1º O acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo. (CF, 1988).

Em teor similar, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), em seu Artigo 37, estabelece aos sistemas de ensino assegurar gratuitamente aos jovens e adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, considerando as características do aluno, seus interesses, condições de vida e de trabalho. Também cabe a esses sistemas de ensino viabilizar e estimular o acesso e a permanência do trabalhador na

escola, mediante ações integradas e complementares entre os diversos setores das esferas públicas. (LDB, 1996).

Freire (apud Gadotti, 1979) diz que os termos Educação de Adultos e Educação não formal referem-se à mesma área disciplinar, teórica e prática da educação, porém com finalidades distintas na Educação de Jovens e Adultos, termos os quais foram difundidos e popularizados por organismos internacionais, como a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), fundada logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, com o objetivo de contribuir para a paz e segurança no mundo por meio da educação, da ciência, da cultura e das comunicações.

Ainda, de acordo com Freire (apud Gadotti, 1979), a Educação de Adultos, na década de 1940, era compreendida como uma extensão da escola formal, no que se refere ao ensino no campo. A partir de 1950, a Educação de Adultos passou a ser vista como uma educação de base, no âmbito do desenvolvimento comunitário, estabelecida no final dessa década, com duas significativas correntes no que concerne à Educação de Adultos: a Educação de Adultos entendida como uma educação libertadora (conscientizadora), capitaneada por Paulo Freire, e a Educação de Adultos entendida como educação funcional (profissional).

No Brasil, na década de 1970, essas duas correntes continuaram a ser entendidas como Educação não formal e respectiva suplência, originando o que ficou conhecido como o sistema Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), cujos princípios contrariavam os do educador Paulo Freire. (DUARTE, 2001).

No entanto, a Lei de Reforma nº 5.692/71, elaborada em um prazo de 60 dias, por nove membros indicados pelo então Ministro da Educação Jarbas Passarinho e aprovada em 11 de agosto de 1971, em substituição à Lei nº 4.024/61, reformulou o Ensino Fundamental e Médio, atribuindo um capítulo específico para o Ensino Supletivo, recomendando aos Estados o atendimento da educação de jovens e adultos. (SOARES, 2002).

Outro aspecto a ser considerado foi a instituição, pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), de um grupo de trabalho para definir a política do Ensino Supletivo e para propor as bases doutrinárias da educação, em consonância ao Parecer nº 699/72, do conselheiro Valnir Chagas, elaborado para fundamentar a doutrina do Ensino Superior. Assim, o referido parecer estabeleceria os principais aspectos da Lei nº 5.692, no que tange ao Ensino Supletivo, facilitando sua compreensão e orientando sua execução, ou seja, os exames supletivos passaram a ser organizados de forma centralizada pelos governos estaduais, e os cursos passaram a ser organizados e regulamentados pelos Conselhos Estaduais de Educação. (SOARES, 2002).

A inovação, referendada pelo Parecer nº 699/72, consistia em implantar cursos que dessem um tratamento diferenciado à população que se encontrava fora da escola, a partir da utilização de novas metodologias. Como a Lei nº 5692/71 concedeu flexibilidade e autonomia aos Conselhos Estaduais de Educação para normatizarem o tipo de oferta de cursos supletivos nos respectivos Estados, gerou-se grande heterogeneidade nas modalidades implantadas nas unidades da federação. (SOARES, 2002).

Ainda, para Soares (apud Haddad, 1991, p. 189), o Estado procurou introduzir a utilização de tecnologias como meio de solução para os problemas da Educação durante o período de governo militar (de 1964 a 1985), propondo-se a oferecer uma educação de massas, a baixo custo, objetivando democratizar oportunidades educacionais, com perspectivas de elevação do nível cultural da população, nível este que vinha perdendo qualidade pelo crescimento da população.

O autor expande a questão, ao se reportar à introdução da informática na Educação:

A introdução da informática na Educação segundo a proposta de mudança pedagógica como consta no programa brasileiro, exige uma formação bastante ampla e profunda dos educadores. Não se trata de criar condições para o professor simplesmente dominar o computador, mas, sim, auxiliá-lo a desenvolver conhecimento sobre o próprio conteúdo e sobre como o computador pode ser integrado no desenvolvimento desse conteúdo. Mais uma vez, a questão da formação do professor mostra-se de fundamental importância no processo de introdução da informática na educação, exigindo soluções inovadoras e novas abordagens que fundamentem os cursos de formação. No entanto, o que se nota, principalmente nesse momento, é que essa formação não tem acompanhado o avanço tanto tecnológico quanto do nível de compreensão sobre as questões da informática na Educação que dispomos hoje. Isso tem acontecido em parte, porque as mudanças pedagógicas são bastante difíceis de serem assimiladas e implantadas nas escolas. A outra dificuldade é apresentada pela velocidade das mudanças da informática, criando uma ampla gama de possibilidades de usos do computador, exigindo muito mais dessa formação do professor, o que acaba paralisando-o. (SOARES, 2002, p.22).

Vê-se, pelo exposto, que as dificuldades, descritas pelo autor, são uma realidade constatada na sala de aula cotidianamente. Importa destacar aquilo que, muitas vezes, segundo o autor, pode deixar o professor paralisado, face ao domínio teórico e prático das novas tecnologias de informação e comunicação: a velocidade das mudanças na área da informática, a qual requer uma contínua e crescente atualização do professor.

## 2.3 A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES E O USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS

Carvalho e Perez (1993) esclarecem que essa mudança didática não é fácil. Não é tão somente uma questão de tomada de consciência, sobretudo, exige uma atenção contínua e natural sobre o que a atividade docente parece mostrar como óbvia, ou seja, valorizando a pesquisa - com princípio educativo - que leva o aluno a se formar melhor.

Como sugere Belloni:

Do livro e do quadro de giz à sala de aula informatizada e on-line a escola vem dando saltos qualitativos, sofrendo transformações que levam de roldão um professorado mais ou menos perplexo, que se sente muitas vezes despreparado e inseguro frente ao enorme desafio que representa a incorporação Tecnologia de Informação Computacional (TIC) ao cotidiano escolar. Talvez sejamos ainda os mesmos educadores, mas certamente nossos alunos já não são os mesmos “estão em outra”, são outros, têm uma relação diferente com a escola. (BELLONI, 1999, p.27).

No entanto para Moran (2003) é necessário tornar a escola um espaço vivo, agradável, estimulante, com professores mais bem remunerados e preparados; com currículos mais ligados à vida dos alunos; com metodologias mais participativas, que tornem os alunos pesquisadores, ativos; com aulas mais centradas em projetos do que em conteúdos prontos; com atividades em outros espaços que não a sala de aula, mais semipresenciais e on-line, principalmente no ensino superior.

Tosta (2000) ressalta que a inserção de novas tecnologias na Educação não deve se restringir apenas ao uso do computador ou da internet, reduzindo a Educação a uma visão meramente tecnológica, instrumental, baseada na crença de que, estando impregnada de modernidade e eficiência, essa área do conhecimento constitui-se em verdade absoluta, inquestionável e definitiva.

Ainda que seja inegável que os recursos computacionais possam facilitar a aprendizagem e, mais do que isso, possam criar outra lógica de apreensão e compreensão de conteúdos, rompendo com um modelo transmissional de informações para dar lugar a um modelo mais comunicacional e interativo, deve-se explicitar como as ferramentas tecnológicas são apropriadas no espaço educacional, sob o risco de se ficar aprisionado a uma espécie de ‘metadiscurso’ da própria tecnologia” (TOSTA, 2000, p.108).

Como diz Moran (2003) faz-se primordial que cada docente encontre o que o ajuda a sentir-se melhor e conseqüentemente ajudar os alunos a aprenderem de uma maneira melhor. É importante diversificar as formas de dar aula, de realizar atividades, de avaliar. Cada docente pode encontrar sua forma mais adequada para trabalhar com sua turma: aprender a

dominar as formas de comunicação interpessoal/grupal e as de comunicação audiovisual/telemática.

Nesse sentido, a Internet é um novo meio de comunicação que muitos dos alunos conhecem e utilizam. Ela pode ajudar a rever, ampliar e a modificar as metodologias educacionais a serem usadas em sala de aula.

Quanto ao professor, Demo (2009) reitera a dificuldade, ainda presente na atualidade, de muitos profissionais em lidar com as novas tecnologias, em face de não ter domínio, até por questões de uso, e inclusive econômicas. Demo (2009) salienta que é primordial o professor continuar estudando a vida toda, posto que, ele precisa servir de exemplo para os estudantes, como tratado em seu discurso, “ser literalmente o eterno aprendiz” (DEMO, 2009).

O autor enfatiza que, para o século XXI, o marco diferencial do professor será a autoria, ou seja, só se pode questionar bem o que se conhece por dentro, o que por essência de sua atuação deve lhe conferir um olhar crítico e pesquisador sobre o mundo tecnológico.

Como disse Jean Piaget (1970, apud Demo, 2009), a formação dos professores é longa e complexa. Nesse processo, Demo julga fundamentais quatro pontos:

- Primeiro: é importante para o professor tomar consciência do que faz ou pensa a respeito de sua prática pedagógica;
- Segundo: ter uma visão crítica das atividades e procedimentos na sala de aula e dos valores culturais de sua função docente.
- Terceiro: adotar uma postura de pesquisador e não apenas transmissor.
- Quarto: ter um melhor conhecimento dos conteúdos escolares e das características do desenvolvimento e aprendizagem dos seus alunos. (DEMO, 2009, p. 103).

No desafio de o professor, por exemplo, ser tecnologicamente correto, Demo (2009) deixa claro que tecnologia é muito mais que meio ou simples recurso, já que representa um novo horizonte de aprendizagem virtual, no qual é possível aprender bem, desde que existam condições adequadas.

Sobre os meios tecnológicos, Demo (2009, p.100) infere que estes podem se constituir uma sedução para a aprendizagem com qualidade e apresenta as “novas alfabetizações”, sinalizando-as como um conjunto distinto de novas outras habilidades e competências, e comparando as “mentalidades” – percepções sociais de ensino/aprendizagem, sendo uma mentalidade tradicional, ultrapassada e moderna, e a outra, pós-moderna, esta mais solidária, coletiva e política, com mais oportunidades de formação.



Demo (2009) ratifica que o palco privilegiado da aprendizagem virtual, em termos tecnológicos, é a Web 2.0, tratando-se da nova mentalidade, burilada na forja da autoria, conforme exemplifica com as plataformas blog e wiki, as quais tonificaram os novos sentidos de autoria.

Sobre o que a Web 2.0 pode fazer para inserir a pedagogia em um novo contexto de aprendizagem mais dinâmico, diversificado e pós-moderno, Demo (2009) enumera alguns problemas frente à nova era de aprendizagem, tais como: a condição de o estudante dispor de pouco tempo ou não se sentir à vontade perante o computador, sobretudo os estudantes mais maduros, a pseudoflexibilidade nos cursos ditos à distância, que podem inibir o complexo do aprender.

Por outro lado, Demo (2009, p 59) cita o e-portfólio como ferramenta viável na formação da autonomia da aprendizagem. No que diz respeito aos docentes, o autor menciona quatro problemas no desafio pedagógico: a extensiva carga horária de trabalho, a promoção profissional, a corriqueira falta de intimidade e de fluência tecnológica e a resistência quanto à propriedade intelectual, em uma nova esfera de contextos de autorias diferenciadas e colaborativas.

Do ponto de vista institucional, ante a nova pedagogia, Demo (2009) questiona as atitudes de gestão e concepção pedagógica em seu todo, deixando claro que a complexa instituição do saber e do aprender precisa passar por urgentes transformações, ocasião em que o desafio pode se resumir em “aprender bem”, de modo ousado e com a ruptura aos padrões paradigmáticos do ato educacional.

Demo (2009, p. 62), no entanto, vislumbra um ponto de equilíbrio, quando diz: “Há que se evitar tanto o especialista em generalidades, quanto o idiota especializado.”

Ainda para Demo:

Aprender bem só pode ocorrer em ambientes em que o aluno se torna o centro das atenções e permanece ativo, envolvido participativo. Por vezes, confunde-se esse desafio com “motivação” (...) O que as teorias sugerem é que não se aprende sem envolvimento profundo (DAMÁSIO, 1996; GOLEMAN, 2001) ou sem situar os conteúdos na vida do estudante, ou sem referência significativa adequada. As pessoas se interessam por aquilo que lhes dizem respeito ou lhes signifiquem algo relevante. (DEMO, 2009, p.91).

Demo (2009) diz que educar, primordialmente, passa pela formação dos professores, já que estes são aliados à família, ou pelo menos deveriam ser os principais mediadores entre o que os meios veiculam e o que os alunos apreendem. Portanto, um dos primeiros passos

para se pensar em utilização de novas tecnologias educacionais, no ensino de conteúdos para a EJA, deve ser dado em direção aos currículos dos cursos de formação de professores.

Por sua vez, Guarnieri (2000) afirma que o professor é um ser social constituído e constituinte de seu meio. Como pessoa, age e sofre as ações de sua sociedade: ele constrói e é construído por ela. A sociedade é feita por ele e ele é feito por ela: portanto, o professor é um construtor de cultura e de saberes e, ao mesmo tempo, é construído por eles.

Se fossemos procurar definir o termo professor a partir de dicionários, nos encontraríamos relacionado à “aquele que professa”, isto é que declara publicamente sua intenção ou se compromete, não só através do que diz, mas principalmente pelo que faz. Ou seja, seus pensamentos e ações devem revelar como sinais de sua profissão, o compromisso com o ensino e aprendizagem dos conhecimentos e valores básicos necessários a todo cidadão para a vida em sociedade. (GUARNIERI, 2000, p.25).

Para Guarnieri (2000) o trabalho, a formação do professor, o seu pensar e fazer, as suas habilidades são analisadas sob diferentes perspectivas teórico-metodológicas e contribuem para uma aproximação sobre a temática da aprendizagem profissional docente, entendida como um processo que ocorre ao longo da carreira, como mostrado no Quadro 01 que se segue:

<b>Estágio Habilidade</b>	<b>Descrição</b>	<b>Desenvolvimento profissional desejável</b>
<b>Entrada</b>	<b>O professor tenta dominar a tecnologia e o novo ambiente de aprendizagem, mas não tem a experiência desejada.</b>	<b>Nenhum</b>
<b>Adoção</b>	<b>O professor realiza treinamento bem sucedido e domina o uso básico da tecnologia.</b>	<b>30 horas</b>
<b>Adaptação</b>	<b>O professor sai do uso básico para descobrir uma variedade de aplicações para o uso da tecnologia. O professor tem conhecimento operacional do <i>hardware</i> e pode detectar falhas básicas do equipamento.</b>	<b>+ 45 horas de treinamento; três meses de experiência e apoio técnico permanente e imediato.</b>
<b>Apropriação</b>	<b>O professor tem domínio sobre a tecnologia e pode usá-la para alcançar vários objetivos instrucionais ou para gerenciar a sala de aula. O professor tem boa noção do <i>hardware</i> e das redes.</b>	<b>+ 60 horas de treinamento; dois anos de experiência e apoio técnico permanente e imediato.</b>
<b>Invenção</b>	<b>O professor desenvolve novas habilidades de ensino e utiliza a tecnologia como uma ferramenta flexível.</b>	<b>+ 80 horas de treinamento; quatro a cinco anos de experiência; apoio técnico imediato.</b>

**Quadro 01 - Habilidades docentes para o trabalho com as novas tecnologias**

**Fonte:** Kenski (2003, p.79). Tabela adaptada. Disponível em: <http://benton.org/kickSart/Dados da National Information Infrastructure Advisory Council>. Acesso em: 11 Jan. 2012.

Segundo Guarnieri (2009) há um processo de compreensão sobre os desafios, dificuldades, dúvidas e incertezas vividas pelos professores em suas rotinas de sala de aula e tentativas de superação dos problemas postos pela realidade escolar a partir de um movimento que coloca o professor como sujeito de seu fazer, como um profissional que possui e desenvolve conhecimentos, que analisa e interpreta o seu trabalho e vai construindo a sua própria realidade profissional.

Evidente, que são inúmeras as dificuldades que o professor terá que contornar, para usar com efetividades esse recurso tecnológico em sua sala de aula, em face do elevado número de alunos por turma, quantidade e qualidade do ambiente destinado às salas de aulas, a carga horária do professor, a infraestrutura das escolas e a própria família, são aspectos de uma mesma vertente, que exige ações múltiplas e diversificadas por parte de todos os agentes. (DEMO, 2009).

No entender de Demo (2009), enquanto função maiêutica e autopoietica cumpre também ao docente humanizar as tecnologias, fazendo delas alavancas de cidadania, depuradas do assédio do mercado, com a qualidade imprescindível que essas novas relações requerem.

Assim, a educação na contemporaneidade deve ter como premissa a autonomia do aluno, partindo de um processo ensino-aprendizagem que integre o conhecimento coletivamente produzido e auxilie aquele a reagir criticamente aos estímulos e dificuldades externas, que enseja ao professor apresentar as possibilidades de uso, interpretação e representação propiciadas por essas tecnologias e não tentar moldar a construção analítica utilizada por cada um dos alunos.

### 3 METODOLOGIA DO ESTUDO

O objetivo deste capítulo é apresentar os procedimentos metodológicos adotados no estudo, essencial à sua funcionalidade, sendo aqui utilizada a pesquisa de campo, posto que conforme Vergara (1998), a pesquisa de campo é uma investigação empírica realizada no local onde ocorre ou ocorreu um fenômeno ou que dispõe de elementos para explicá-lo.

Segundo Michel (2008, p. 35), pesquisar significa informar-se a respeito de; empregar meios para se chegar ao conhecimento da verdade, da busca, da indagação e da investigação. Desse modo, como forma de atender ao principal objetivo do trabalho que é relatar a experiência vivenciada, fruto do Relatório Final de Estágio Supervisionado que serviu de subsídio para a Elaboração do Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Geografia, fez-se uma pesquisa exploratória de modo a proporcionar maior familiaridade com o problema —, o uso de recursos de tecnologia de informação na educação de jovens e adultos nas escolas de ensino fundamental. Pode-se dizer que o presente estudo buscou o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. (GIL, 1994, p. 45).

A pesquisa teve como ponto de partida o levantamento do referencial teórico junto a biblioteca da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e de outras instituições de Ensino, tanto de ensino fundamental e médio, quanto superior, bem como, no ambiente virtual.

Foram realizadas leituras e fichamentos de obras e textos que tratavam das questões pertinentes ao uso das novas tecnologias no ensino de geografia. Essas leituras visaram a revisão da literatura acerca do tema, para a elaboração da estrutura teórica do estudo.

Para o estudo prático realizou-se o trabalho de campo na Escola, uma vez que o estágio supervisionado já estava se realizando nela.

A pesquisa de campo, também bastante aplicada na área de ciências sociais, mostrou o caminho para observar a realidade. Na visão de Michel (2008, p. 42) a pesquisa de campo trata da coleta de dados do ambiente natural, com o objetivo de observar, criticar a vida real, com base em teoria, para verificar como a teoria estudada se comporta na vida real. Confrontando a teoria na prática, permite responder ao problema e atingir os objetivos aqui propostos.

O contato entre o estagiário e o docente responsável pela Disciplina de Geografia na Escola Frei Albino foi fundamental para a realização deste estudo, através do método da observação direta, com a caderneta de campo, onde foram anotados todos os procedimentos realizados em sala pelo professor no uso das novas tecnologias, bem como, através da

aplicação de exercícios e atividades com os alunos o que ensejou a análise das condições de Educação de Jovens Adultos na referida escola.

Foram analisados também, os Planos de Aula do professor e demais instrumentos utilizados em sala como: exercícios, provas, livro didático e o uso de recursos tecnológicos, bem como foi realizada uma entrevista (com roteiro estabelecido anteriormente) com docente responsável pela disciplina de Geografia. A entrevista visou compreender elementos da prática do professor, observar em sala de aula sua visão sobre o uso do computador, com o intuito levantar elementos que não ficaram claros no momento da observação, como também, proporcionar um momento para que o professor fale sobre sua vida e experiências de ensino no trato com as novas tecnologias.

Após essas etapas, as informações foram sistematizadas e procedeu-se a análise dos dados e informações coletadas, de modo qualitativo, condizente ao estudo.

## 4 ABORDAGEM PRÁTICA

### 4.1 O ENSINO DE GEOGRAFIA E A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA ESCOLA MUNICIPAL FREI ALBINO/JOÃO PESSOA

A licenciatura norteia o conhecimento do aluno no que diz respeito às áreas de modalidades de ensino, mas requer conhecimento prático do mundo do trabalho em educação, ou seja, uma visão mais concreta da realidade das escolas, não somente em suas condições físicas de oferta de trabalho, e também em perspectivas futuras para o professor, quanto ao seu crescimento pessoal e profissional.

Assim, no intuito de vivenciar as práticas dinâmicas do ensino da Geografia, na realidade da sala de aula, o pesquisador realizou estágio, ora descrito, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Frei Albino, no turno noturno, de modo a conciliar as suas atividades de estudo teórico para tal finalidade.

O primeiro passo foi definir o universo no qual o estudo seria realizado –, o das escolas públicas, posto que em sua maioria, serem comprovadamente as que oferecem a Educação de Jovens e Adultos, nos ciclos I, II, e III.

No entanto, como todo estudo, o aqui delineado, devido as limitações, sobretudo, as de tempo, procurou-se, a partir do universo, estabelecer a população, notadamente as escolas de ensino fundamental, e por fim foi estabelecida uma amostra, para melhor visualização dos objetivos a serem alcançados.

Para melhor compreensão da realidade apresentada, destaca-se o fundamental papel da Tutoria do Curso de Geografia, cujas informações repassadas durante das aulas de Geografia denotam o grau diferencial da educação com o uso de tecnologias de informação e o da educação regular.

De modo a alicerçar o estudo, cumpre ressaltar a base teórica da Educação de Jovens e Adultos, visto que esta requer uma atenção especial em seus aspectos metodológicos e políticos sociais no âmbito educacional, uma vez que como sugere Cury:

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) representa uma dívida social não reparada para com os que não tiveram acesso a ela e nem domínio da escrita e leitura como bens sociais, na escola ou fora dela, e tenham sido a força de trabalho empregada na constituição de riquezas e na elevação de obras públicas. (CURY, 2000, p.5).

Ela surge com uma espécie de função reparadora, importante para a construção da cidadania, já que a escolarização promove a participação em atividades sociais, econômicas, políticas e culturais, além de ser um elemento básico para a educação continuada durante toda a vida.

Segundo Binz (1993, p.17) a aprendizagem do adulto se estabelece a partir da relação do conteúdo trabalhado pelo professor com aproveitamento deste conteúdo na sua vida prática [...].

Ainda de acordo com Binz (1993) o adulto visa crescimento imediato e é por isso que as abordagens devem estar vinculadas à realidade do aluno, ou seja, o currículo não pode ser estático, mas atender o aluno em suas necessidades, as quais devem ser consideradas em face das suas diferenças individuais, do seu ritmo de aprendizagem, da bagagem de conhecimento que cada um traz consigo e suas experiências específicas de vida.

#### 4.2 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

A amostra do estudo, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Frei Albino localiza-se na Avenida Argemiro de Figueredo, Nº 5.544, bairro Bessa, na cidade de João Pessoa, Estado da Paraíba.

A Instituição oferece Ensino Fundamental, da primeira à nona série, nos turnos manhã e tarde, e a noite na modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Com localização privilegiada, em um dos bairros nobres da capital paraibana, no seu entorno, residências e prédios, restaurantes, entre outros aspectos, a escola é servida por linhas de ônibus de fácil acessibilidade.

O primeiro contato feito com a escola foi feito com Sra. Agnes Wildi, Diretora Adjunta do turno noturno, para que fossem oficializados os termos do estágio, cujo teor, de observação participante, pudesse refletir os conhecimentos teóricos do Curso de Licenciatura em Geografia, ministrado pela Universidade Estadual da Paraíba, em uma realidade mais objetiva, como a da Escola Municipal Frei Albino.

Em conversa a Professora Aline de Lima da disciplina Geografia, na escola, estabeleceu-se o período de permanência na escola, horário, dias de aulas e ciclos, bem como o grupo de três alunos, que seriam objetos da observação, por parte do estagiário.

Após a apresentação inicial, o estagiário passou a conhecer as instalações físicas da escola, em um dia no qual se observou que esta se encontrava em reforma.

A escola apresenta uma boa estrutura sendo dois andares destinados às sala de aula, pequenas e pouco arejadas, mas dispõem de ventiladores que funcionam e um banheiro por cada andar.

Na parte térrea localizam-se: laboratório de informática, sala de vídeo climatizada, biblioteca, diretoria, secretaria, refeitório (com mesas e cadeiras), sala dos professores, o que sob certas circunstâncias promove um ambiente benéfico ao corpo docente professor, nos momentos em intervalos de aula, com ventiladores, aparelho de televisão, sofá, e bebedouro do tipo “gelágua”.

A escola dispõe ainda de almoxarifado, banheiros, um pátio com cobertura onde são realizados os eventos, e uma cantina pequena com uma janela tipo engradado por onde a merenda é distribuída. A merenda fornecida é terceirizada, mas é vista de bom grado pelos alunos, uma vez que a maioria vem sem jantar.

Como escola pública apresenta-se bem conservada e organizada. Quando se entra na escola, podem-se ver alguns trabalhos expostos de diversas disciplinas no mural realizados pelos alunos e outras informações de eventos. A escola possui uma entrada sempre vigiada por um funcionário muito educado e eficiente, este também encarregado pela inspeção e observação da área escolar. O horário de aula segue das 18h20min às 21h50min com 10 minutos de intervalo. Neste primeiro horário os alunos chegam pouco a pouco. Na realidade esta aula primeira é bastante prejudicada, para os alunos que trabalham até as 18h, pois sempre chegam atrasados.

#### 4.3 SESSÕES DE OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

De acordo com as orientações do fascículo de Estágio I, este espaço foi denominado para os diversos momentos em que o estagiário observou a escola, porém desde o primeiro contado com a escola fez-se parte integrante deste processo. No terceiro item especificamente, a observação participante realizou uma leitura da estrutura pedagógica da escola, fundamental para a seleção dos aspectos metodológicos a serem adotados no desenvolvimento do estágio, dos conteúdos, objetivos de trabalho, bem como da compreensão estabelecida entre os sujeitos que compõem a escola.

Vale ressaltar que a recepção da diretora Professora Agnes Wildi foi muito importante, no seu papel de educadora, a qual motivou a continuidade deste trabalho, e se colocou sempre a disposição para sanar qualquer problema ou dúvidas que surgiram ao longo do estudo in loco, denotando liderança para administrar seu pessoal técnico utilizando - se de uma



hierarquia horizontal, na qual todos fazem o trabalho em consonância com as ações atribuídas e desenvolvidas em cada setor.

Destaquem-se também os demais profissionais da escola desde o porteiro, secretárias, supervisores, bibliotecária, que sempre solícitos estavam à disposição atendendo com extrema qualidade, principalmente a Professora Aline de Lima, peça primordial para o desempenho da função de estágio observatório.

#### 4.4 CORPO DISCENTE

A resolução CNE/CEB Nº 1, de 05 de julho 2000, estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, destacando a importância de considerar as situações, os perfis e as faixas etárias dos estudantes.

Essa resolução diz que a EJA precisa reparar a dívida histórica e social relacionada a uma parte da população brasileira, que teve negado o direito à educação, bem como possibilitar seu reingresso no sistema educacional, oferecendo-lhe melhoria nos aspectos sociais, econômicos e educacionais. E mais, buscar uma educação permanente, diversificada e universal.

A Educação de Jovens e Adultos desenvolvidos na escola atende a pessoas que se encontram na faixa etária entre 16 e 50 anos, cursando o segmento do ensino Fundamental. Os ciclos são oferecidos em I, II, III correspondente do 5º ao 9º ano. As aulas são ministradas por professores de disciplinas.

A participação dos jovens adultos é visto por eles como uma necessidade e um desejo de voltar para a escola. Essa volta garante uma possibilidade de escolha e reescolha profissional ou pessoal, uma forma de reaver direitos cerceados pelas adversidades contextuais.

Segundo Correa (2003), esses alunos veem na escolaridade um momento de cuidado consigo mesmos, como um direito a um investimento pessoal muitas vezes adiado por vários motivos em suas vidas. Há diversidades extremas neste contexto: a maioria é de trabalhadores, alunas mães que estão tendo a oportunidade de estudar por residir nas imediações, domésticas que residem no trabalho próximo à escola. Eles apresentam interesse maior e não são meros recebedores de informações. Verificou-se, que alguns têm mais facilidades de absorver conhecimentos, por outro lado, outros participam pouco das aulas, cansados pela labuta do dia e outros apresentam grande dificuldade no ato de escrever, mal retiram do quadro as palavras escrevendo vagarosamente.

Além das dificuldades de aprendizagem iniciais, como em todo processo, o aluno da EJA ainda enfrenta muitas barreiras, como a falta de tempo para conciliar os compromissos da sua vida pessoal, aos do trabalho e da escola.

Sonolentos e com ares de cansaço, eles não se consideram capazes de corresponder à proposta pedagógica da escola, ou seja, acompanhar os programas das disciplinas ou até mesmo, porque estes programas parecem estar longe de seus cotidianos.

Esses fatores, entre outros, de cunho socioeconômico, contribuem para a evasão escolar estrutural, uma vez que, os alunos submetidos a uma situação que exige a opção pelo trabalho ou pela escola, normalmente optam pelo trabalho, desistindo da escola, não tentando ao menos o meio termo da conciliação entre trabalho e escola.

Alguns alunos apresentam comportamento passivo e outros são dispersos, se comportam de forma tão diferenciada que os colegas rotulam: “são alunos do dia que não querem nada e os professores “empurram para noite”. Este ponto de observação conceitua a indisciplina do turno noturno na modalidade supletiva: geralmente os na faixa etária de 15 anos são indisciplinados, vistos como desordeiros e relaxados são encaminhados para o turno noturno, uma válvula de escape para que se mantenham na escola.

#### 4.5 CORPO DOCENTE

A Professora Aline de Lima que leciona a disciplina geografia nos ciclos I, II e III tem licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba, Campus de Campina Grande, é contratada em nível de Prestadora de Serviços (PS) pelo município de João Pessoa. Não diferente da realidade de muitos professores da rede pública brasileira, ensina no turno matutino as séries equivalente ao 6º, 7º, 8º, e 9º Ano do Ensino Fundamental II, para completar a carga horária e acumulando mais um contrato para melhor sobreviver. Em sua fala demonstra insatisfação à realidade do processo de ensino no que diz respeito aos recursos e as políticas educacionais. Seu objetivo está focado num mestrado na linha do meio ambiente, com a qual se identifica e vislumbra chances de se expandir e fazer carreira nesta área.

A professora ainda fez referência à desvalorização do magistério: na relação sistema-professor- aluno segundo a professora jamais deve ser cercada pela pedagogia do fingimento “governo finge que paga, o professor finge que ensina e o aluno finge que aprende”. Essa pedagogia se revela nas escolas públicas, ganhando mais adeptos a cada ano letivo que passa, e os alunos são inertes a esta história. A professora ainda acrescentou que acredita na

educação, achando necessária a união da categoria para lutar pelas reivindicações de melhoria da qualidade do ensino.

Em sala de aula a professora fez uma breve apresentação e o objetivo de estar com eles naquele período. A escola estava em período de recuperação, pois, finalizava-se o bimestre. A professora fez um resumo, com exposição do conteúdo, enfatizando o que seria mais importante os alunos aprenderem. Ela verificou o material didático e pediu para que eles lessem e depois respondessem as avaliações (este material não é o livro didático da EJA, é um livro didático do Ensino Regular). Os livros são reaproveitados do Ensino Fundamental. Com esta avaliação em mãos pode-se contemplar questões objetivas, subjetivas com muitas questões contextualizadas e interpretações de charges. O conteúdo posto à verificação engloba a divisão norte sul, divisão socioeconômica e política. Países desenvolvidos, chamados países do norte, países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento. O exemplo do Brasil que é um país em desenvolvimento. Esta informação a professora frisou bem para que o aluno não esquecesse mais, pois é um indicador de base para a compreensão da globalização, fixando assim de várias formas estes conceitos. Eles silenciaram, responderam sem questionamentos, num período em torno de 30 minutos e concluíram. As avaliações e recuperações se resumem no cenário do momento.

Nesse processo, pode-se observar o nível de desempenho dos alunos. Nas avaliações eles se apresentam inseguros, duvidosos e preocupados em acertar, porém com lacunas de aprendizagem.

Após o recesso junino a professora falou sobre a importância do estudo para o mercado de trabalho, dizendo que o trabalho qualificado só é obtido através da capacitação e do estudo. Os alunos perceberam que o trabalho é uma maneira de os seres humanos garantirem a satisfação de suas necessidades básicas e que os lugares se relacionam, muitas vezes, aos produtos consumidos no cotidiano.

Em outro momento a professora introduziu conceitos de Estado, Território e Nação, escrevendo no quadro, enquanto os alunos copiavam vagarosamente, mostrando ligações com assuntos do ano anterior (ciclo) sobre paisagem e território. Utilizando a mesma metodologia: conteúdo escrito no quadro e alunos copiando ou fazendo pesquisa no livro, a professora além de mostrar a sequência lógica destes conceitos para a compreensão do espaço geográfico, a professora teceu comentários sobre as 1ª e 2ª Guerras Mundiais, momentos históricos que denotam claramente a disputa por territórios (aqui seria necessário uso do laboratório de informática, tendo em vista que a escola possui um excelente laboratório de informática inclusive com monitor de informática).

Em uma sessão participante a professora comunicou que seria apresentado um slide com o tema: O Espaço Tecnológico, aula esta que motivou satisfação estampada nos rostos dos alunos, despertando neles um interesse maior no mundo tecnológico. A conversação se estendeu a muitos outros assuntos e as indagações em busca de mais informações surgidas pelas falas dos alunos enriqueceram a aula permitindo trabalhar várias habilidades como reflexões, análises, descrição, comparação, entre outras. A Professora Aline ainda comentou após a aula que na medida do possível planeja aulas com recursos, traz reportagens em foco na mídia fazendo as correlações com o conteúdo, aproximando este contexto à vivência do aluno.

Quanto ao relacionamento com os alunos, ela relatou que tem uma relação de afeto, de diálogo, assim bem próxima, mas mantendo o respeito, sem autoritarismo. Pode-se perceber que eles nutrem carinho pela professora e se sentem à vontade, devido o conhecimento que ela tem de suas vidas pessoais, até porque o número de alunos é pequeno, possibilitando este contato mais aproximado. Vê-se uma maneira possível de a aprendizagem fluir melhor e obter melhores resultados com esta relação harmônica.

Este período em que se vivenciou a dinâmica da sala de aula executada por intermédio de observações presentes em nível de estagiário do curso de geografia, propôs uma visão educacional mais consolidada pelas interfaces vividas neste período de observação. Entre as várias sessões participativas constatou-se que as abordagens em Geografia se constituíam em algumas categorias como: espaço geográfico, paisagem, lugar, território e região. Mesmo o aluno distante desses conceitos e com falhas na metodologia, esse conhecimento vem dar novo direcionamento às ideias dos alunos antes e fora da escola, sobre o espaço geográfico no qual eles se inserem. A diferenciação no estudo da Geografia da EJA não está apenas no conteúdo, mas na clareza dos objetivos e importância de seu estudo.

Através do ensino da Geografia os alunos entram em contato com o saber sistematizado. A falta de profissionais habilitados para trabalhar com a EJA, também é fator de estudo e preocupação da sociedade e dos governantes, pois na didática empregada deve –se ser levado em conta suas experiências, tornando-se sujeito da própria aprendizagem, ou seja, aproximar os conteúdos curriculares ao cotidiano do aluno. Neste objeto de ação, podem-se validar as propostas pedagógicas melhorando-as para qualificar as aulas de geografia no tempo futuro.

O que faz a diferença é a dialogicidade que deve existir em sala de aula: os alunos que não possuem uma bagagem cultural valiosíssima, mas que buscam o conhecimento e não o

simples repasse de informações, professores comprometidos com o saber, o que enriquece muito as aulas, proporcionando construção da cidadania.

Diante do exposto e das sessões participativas de observações percebeu-se que seu cotidiano escolar é pautado na boa convivência com seu alunado, onde este espaço torna-se para eles um porto seguro. As interferências são amenizadas e as chances de se obter o sucesso são acrescidas. Eles comparam a professora como uma amiga na qual querem se espelhar de modo a alcançar os conhecimentos por ela adquiridos.

Porém, na entrevista estruturada que visou compreender elementos da prática do professor, não foi possível observar em sala a sua visão sobre o uso do computador.

#### 4.6 GESTÃO E EQUIPE TÉCNICA

A Gestão adotada na escola é democrática. As responsabilidades são divididas cabendo cada uma determinadas atribuições a exercer. A equipe técnica é composta por profissionais das áreas de psicologia, pedagogia, supervisão, assistente social, e segundo a diretora possuem uma visão ampla para perceber que os indivíduos precisam ser trabalhados em sua afetividade. Esses profissionais coordenam o planejamento individual e grupal, para que os objetivos propostos possam ser alcançados com êxito.

Perguntada sobre o Projeto Político Pedagógico, a diretora, Professora Agnes Wildi, relacionou ao desenvolvimento da democratização. Sua importância foi justificada como processo coletivo de participação no planejamento, na definição de papéis e no efetivo exercício da vida escolar quanto aos papéis assumidos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, após a realização desses procedimentos de pesquisa, juntamente com os fichamentos e as análises teóricas procedeu-se à escrita do texto final.

Acredita-se que as novas formas de ensino-aprendizagem possibilitadas pela interatividade permitem a busca de um conhecimento que desenvolve autonomia sobre a vida do indivíduo, aqui se estende a noção para professores e alunos, induzindo-o ao exercício de sua cidadania como participante da construção do seu próprio conhecimento. O indivíduo transforma-se no em sujeito de experiência, na qual ele é o próprio saber, pois, contém e está contido no processo através da dualidade afetividade/inteligência.

A multiplicidade de mídias existentes e de seus possíveis usos, a velocidade com a qual se inova somadas à diversidade da prática docente, são importantes indicativos a serem considerados de modo a que as interações e as interatividades propiciadas contribuam constantemente para a construção do conhecimento.

É essencial entender as mudanças estruturais produzidas pelas novas tecnologias, o que requer uma aprofundada reflexão de seus efeitos antes de sua adesão ou rejeição, daí a importância do papel exercido pelo do docente na educação contemporânea, pois vale lembrar que o conhecimento não é considerado algo já posto, mas sim construído pela interação com os alunos e a interatividade propiciada pelas novas mídias. Apesar de muito dizer-se que o uso de novas tecnologias pode banalizar o papel do professor, é nesse contexto que sua atuação torna-se imprescindível.

Tendo em vista a observação participante os resultados da pesquisa levam a acreditar que a melhoria da qualidade na educação não está tão somente nas “novas tecnologias” e sim na mudança da prática pedagógica do professor, na mudança de seu perfil em face de um cenário de profundas transformações que culminaram na criação de um mundo sem fronteiras, o da virtualidade, ora vivenciado e para o qual a humanidade se encaminha cada vez mais.

Constata-se que a integração entre tecnologia da informação, através do uso das mídias e educação é ferramenta crucial para a construção do conhecimento no atual cotidiano escolar, ou seja, a escola, em quaisquer de suas instâncias, não pode ignorar as tecnologias como ferramenta para a função didática, até porque a Lei Federal nº. 12.249 de 10 de junho de 2010, que estabelece um Computador por Aluno (UCA), retratando o avanço histórico em termos de educação para todos como marco de cidadania.

Fica bastante claro que o uso das tecnologias da informação no processo de construção do conhecimento passa obrigatoriamente pela formação continuada dos professores, os quais

devem vê-las e utilizá-las como facilitadores à aprendizagem significativa e crítica, pois o uso das tecnologias da informação por si não se justifica, se encontrada resistência por parte dos professores, o uso somente pode se consolidar pelos objetivos que se pretenda que elas alcancem que é a construção do conhecimento.

Como enfatizado por Demo (2009) a aprendizagem virtual já se impõe sobre os métodos tradicionais, alertando, também para a necessidade simultânea da participação do professor nesse desafio, conclamando todos os pedagogos a serem autores inequívocos para poderem fazer de cada aluno um autor de sua cidadania, sendo este momento auspicioso à transformação da pedagogia.

O que ficou evidenciado no estudo não foi a resistência ou a falta de interesse, por parte dos atores, escola, professores e alunos, quanto ao uso de recursos tecnológicos, mas sim, o despreparo. Para a professora há o reconhecimento de que a mídia faz parte da vida dos alunos, funciona como auxílio didático, mas esses se mostraram despreparadas para a tarefa. Os alunos têm a consciência desse despreparo e mais do que isso, a consciência, de que a escola falha por não prepará-los para lidar num mundo tão competitivo, e mais, eles consideram a tecnologia importante no processo de ensino e aprendizagem porque faz parte do cotidiano.

Conclui-se, deste modo, que o maior desafio da EJA é empreender uma educação capaz de promover a transformação social, formar indivíduos aptos e exercer seus deveres, exigir seus direitos e também contribuir para tornar um cidadão crítico e mais conhecedor do mundo que circula a sua volta, emancipar-se do conhecimento do espaço geográfico.

Levando-se tudo isto em consideração a EJA torna-se um eficiente instrumento ou inclusão social garantindo o processo de autossustentabilidade.

O uso de tecnologias de informação coloca nas mãos dos alunos a mais rápida e atualizada biblioteca do mundo, no entanto, o resultado de sua utilização como ferramenta pedagógica vai depender da forma como isto será explorado, do objetivo que o professor em se comprometer a alcançar.

Seu potencial revertido em favor da ação educativa, não só com pesquisas, mas também com visitas a centros culturais, museus, entre outros, como um todo ou de partes específicas deles, em sites próprios, que mostram até, que mostram até as formas de relevo de algumas regiões que seriam impossíveis de serem visitadas pelos alunos, tornam o uso de recursos tecnológicos uma grande aliada do professor na tarefa de r (e) evolucionar sua metodologia de ensino de Geografia. As tecnologias integram hoje todos os seguimentos da

sociedade e a educação é uma delas, os alunos não suportam permanecer sentados por um extenso período ouvindo o professor falar sobre um determinado conteúdo, a utilização de ferramentas pode desenvolver o aprendizado dos alunos, pois esses são fascinados por máquinas, especificamente, o computador, diante desse fato é possível usar este recurso para atrair os alunos e tornar as aulas mais interessantes.

Hoje existem programas educativos direcionados à Geografia, como enciclopédias, Atlas, softwares que oferece informações sobre a formação da Terra, além de imagens sobre clima, urbanização, áreas devastadas pelo homem, sem contar a imensa quantidade de informações contidas na internet que interferem diretamente na vida das pessoas, disponibilizando uma grande variação de temas e conteúdos.

Com uma visão pedagógica aberta e inovadora, o professor pode utilizar algumas ferramentas simples da Internet para melhorar a interação presencial-virtual entre todos, tais como: o texto impresso, filmes, cinema, televisão, retroprojeter, telefone, rádio, fax, cd e computador como meios ao alcance da aprendizagem.

Portanto, o uso das novas tecnologias educacionais em salas de aula da Educação de Jovens e Adultos vem contribuir para um melhor entendimento das condições materiais e das condições subjetivas que afetam o cotidiano de trabalho do docente. Compreender e partilhar as práticas, os desafios e as dificuldades concretas é condição que possibilita ter uma forma de intervenção que avance na direção de uma escola mais dinâmica e mais socialmente responsável.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA M. Elizabeth B. "Educação à distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem". In: **Educação e Pesquisa**. V. 29 n. 2. São Paulo, FE/USP, jul-dez 2003.

BELLONI, M L. **Educação à Distância**. Campinas: Autores Associados, 1999.

BINZ, Jussara Ferreira. O ensino supletivo no Rio Grande do Sul: um estudo introdutório sobre seus fundamentos, funções e características. In: **Educação para crescer: educação de jovens e adultos: reflexões sobre o contexto teórico-prático**. Porto Alegre: Governo do Estado, 1993, p.15-19.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB Nº 1, de 5 de julho de 2000**. Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação (em português). Disponível em: [portal.mec.gov.br](http://portal.mec.gov.br). Acesso em: 05 set. 2011.

BRASIL. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, artigo 37**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm). Acesso em: 07 dez. 2011.

CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação**. São Paulo: Cultrix, 2003.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; GOULARTE, Ligia Beatriz; KAERCHER, Nestor André. SCHAFFER, Neiva Otero. **Um Globo em suas Mãos: práticas para a sala de aula**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003b.

CARVALHO, A. M. P. e GIL-PÉREZ, D. **Formação de Professores de Ciências**. São Paulo: Cortez Editora, 1993.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

CHAVES, Eduardo O. C. **Tecnologia na Educação**. Trabalho escrito para The Encyclopaedia of Philosophy of Education / A Enciclopédia de Filosofia de Educação, editada por Michael A. Peters e Paulo Ghiraldelli Júnior. Disponível em: <http://www.educacao.pro.br/> (especificamente: <http://www.educacao.pro.br/tecnologia.htm>). Acesso em: 15 out. 2011.

CORREA, Lycinia Maria et al. **Os Significados que Jovens e Adultos Atribuem à Experiência Escolar**. Anais da 26ª ANPEd. Poços de Caldas-MG, 2003.

CUNHA, Maria Isabel da. **Aprendizagens significativas na formação inicial de professores: um estudo no espaço dos Cursos de Licenciatura**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 10 out. 2011.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. Processo nº 230001.0000 40/2000-55, parecer CEB nº 11/2000, aprovado em 10.05.2000. Disponível em: <http://www.educacao.pro.br/tecnologia.htm>. Acesso em: 15 out. 2011.

DEMO, Pedro. **Educação Hoje: "novas" tecnologias, pressões e oportunidades.** São Paulo: Atlas, 2009.

DUARTE, Newton. **Vigotski e o "aprender a aprender": crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana.** 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2001. 296 p.

FILE, Valter. Novas tecnologias, antigas estruturas de produção de desigualdades. In: Wendel Freire. (Org.). **Tecnologia e educação - As mídias na prática docente.** Rio de Janeiro: Wak editora, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1994.  
GIOVANNI, L. M. Indagação e reflexão como marcas da profissão docente. In

GUARNIERI, M. R. (Org.) **Aprendendo a ensinar: o caminho nada suave da docência.** Campinas: Autores Associados; Araraquara: PPGEE/UNESP, 2000.

GUARNIERI, M. R. O início na carreira docente: pistas para o estudo do trabalho do professor. In GUARNIERI, M. R. (Org.) **Aprendendo a ensinar: o caminho nada suave da docência.** Campinas: Autores Associados; Araraquara: PPGEE/UNESP, 2000.

LARROSA, Jorge Bondia. **Notas Sobre a Experiência e o Saber da Experiência.** Revista Brasileira de Educação. N.19, p.20-28, jan-abr. 2002.

KENSKI, Vani M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância.** 4. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

\_\_\_\_\_. **Tecnologias e ensino presencial e a distância.** 4. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

KUENZER, Acácia Z. As mudanças no mundo do trabalho e a educação: novos desafios para a gestão. In: FERREIRA, Naura S. C. **Gestão democrática da Educação: atuais tendências, novos desafios.** São Paulo, Cortez. 1998, p 33 a 58.

KUENZER, Acacia Z. (org). **Ensino Médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho.** São Paulo, Cortez, 2000.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Secretaria de Educação Fundamental **Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia.** Brasília, 1997.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MORAN, José Manuel, MASETTO, Marcos e BEHRENS, Marilda. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica.** 7. ed. Campinas: Papyrus, 2003.

RELATÓRIO final de projetos de pesquisa: modelo de apresentação de artigo científico. Disponível em: <<http://www.cav.udesc.br/anexoI.doc>>. Acesso em: 03 dez. 2012.

ROCHA, Sinara Socorro Duarte. O uso do Computador na Educação: a Informática Educativa. In: **Revista Espaço Acadêmico**, nº 85, junho de 2008. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/085/85rocha.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2012.

SOARES, I. Educomunicação: um campo de mediações. **Comunicação & Educação**, Brasil, v. 7, n. 19, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/4147/3888>>. Acesso em: 24 mar. 2012.

SOUZA, João Batista Alves de. RECURSOS DIDÁTICOS NO ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com>>. Acesso em: 25 Jul. 2012.

TOSTA, Sandra de Fátima Pereira. O computador não é uma lousa: as tecnologias de comunicação e informação e a prática docente. In: **Educação brasileira**. Revista do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras. Vol. 22, n. 45, jul/dez, 2000.

VALENTE, J. Armando. **Computadores e conhecimento: repensando educação**. Campinas, SP: UNICAMP/NIED, 1998, p.1-53.

VERGARA, Sílvia C. **Elaboração de Projetos de Estágio**. São Paulo: Atlas, 1998.

**ANEXO**

## ANEXO – ENTREVISTA ESTRUTURADA

Questão 1: Docente responsável pela disciplina Geografia na Escola Frei Albino?

Resposta: Professora Aline de Lima que leciona a disciplina geografia nos ciclos I, II e III.

Questão 2: Nível de escolaridade da Professora Aline?

Resposta: A professora Aline tem licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba, Campus de Campina Grande, sendo contratada em nível de Prestadora de Serviços (PS) pelo município de João Pessoa.

Questão 3: Como o ensino da disciplina Geografia se processa na Escola Frei Albino?

Resposta: A Instituição oferece Ensino Fundamental, da primeira à nona série, nos turnos manhã e tarde, e a noite na modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Para as aulas a professora disse utilizar recursos didáticos, reportagens atualizadas em face do ambiente geográfico, correlacionando o conteúdo ministrado ao contexto vivenciado pelo aluno.

Questão 4: Sobre a existência do Projeto Pedagógico?

Resposta: A diretora, Professora Agnes Wildi, relacionou o Projeto Político Pedagógico ao desenvolvimento de um espaço escolar democrático, cuja importância justifica-se como processo coletivo de participação no planejamento, na definição de papéis e no efetivo exercício da vida escolar quanto aos papéis assumidos, pelos corpos docente, discente, técnico e administrativo.

Questão 5: Abordagens utilizadas no ensino de Geografia?

Resposta: A professora Aline disse que o conteúdo engloba a divisão norte sul, divisão socioeconômica e política. Países desenvolvidos, chamados países do norte, países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, com ênfase ao Brasil, já que o país é um indicador de base para a compreensão da globalização e suas interfaces no contexto econômico mundial.

Questão 6: Quanto à metodologia?

Resposta: A professora faz um resumo inicial, com exposição do conteúdo, enfatizando o que seria mais importante os alunos aprenderem, bem como apresentando o material didático que deverá ser lido no decorrer do período, leitura que também servirá de subsídio para as

avaliações (este material não é o livro didático da EJA, é um livro didático do Ensino Regular).

Questão 7: À metodologia utilizada enseja o uso de tecnologias computacionais?

Resposta: Ainda que o conteúdo seja escrito no quadro e alunos copiem ou façam pesquisa no livro, a professora mostra a sequência lógica destes conceitos para a compreensão do espaço geográfico, a professora teceu comentários sobre momentos históricos que denotam claramente a disputa por territórios, o que necessariamente exigiu uso do laboratório de informática, tendo em vista que a escola possui um excelente laboratório de informática inclusive com monitor de informática, denotando um alto grau de aceitação por parte dos alunos.

Questão 8: Relacionamento com o alunado?

Resposta: Pode-se perceber que eles nutrem carinho pela professora e se sentem à vontade, devido o conhecimento que ela tem de suas vidas pessoais, até porque o número de alunos é pequeno, possibilitando este contato mais aproximado, o que pode possibilitar uma melhor fruição da aprendizagem e obtenção de uma relação mais harmônica.

Questão 9: Sobre o alunado?

Resposta: Além das dificuldades de aprendizagem iniciais, como em todo processo, o aluno da EJA ainda enfrenta barreiras, como falta de tempo para conciliar os compromissos da sua vida pessoal, aos do trabalho e da escola. Sonolentos e com ares de cansaço, eles não se consideram capazes de corresponder à proposta pedagógica da escola, ou seja, acompanhar os programas das disciplinas ou até mesmo, porque estes programas parecem estar longe de seus cotidianos. Alguns alunos apresentam comportamento passivo e outros são dispersos, o que incide nos períodos de avaliação em comportamentos inseguros, duvidosos, porém, preocupados em acertar, ainda que as lacunas de aprendizagem sejam claras.

Questão 10: Gestão da escola e equipe técnica?

Resposta: A gestão escolar é democrática, com responsabilidades divididas, cabendo cada a cada membro atribuições a serem exercidas. A equipe técnica é composta por profissionais das áreas de psicologia, pedagogia, supervisão, assistente social, e segundo a diretora possuem uma visão ampla para perceber que os indivíduos precisam ser trabalhados em sua

afetividade. Esses profissionais coordenam o planejamento individual e grupal, para que os objetivos propostos possam ser alcançados com êxito.

Questão 11: Existência de evasão escolar?

Resposta: Fatores de cunho socioeconômico, entre outros, contribuem para a evasão escolar estrutural, uma vez que, os alunos submetidos a uma situação que exige a opção pelo trabalho ou pela escola, normalmente optam pelo trabalho, desistindo da escola, não tentando ao menos o meio termo da conciliação entre trabalho e escola.

Questão 12: Validade do uso de tecnologias de informação na EJA?

Resposta: Acredita-se que as novas formas de ensino-aprendizagem possibilitadas pela interatividade permitem a busca de um conhecimento que desenvolve autonomia sobre a vida dos indivíduos, sejam professores ou alunos, induzindo-os ao exercício de sua cidadania como participante da construção do seu próprio conhecimento. Porém, na entrevista estruturada que visou compreender elementos da prática do professor, não foi possível observar em sala a sua visão sobre o uso do computador.